



France Justino ganha a vida vendendo fruta



Janete Pereira fabrica perucas

Mulheres dedicam-se ao trabalho para ganhar a vida

AZARA CHIMBWA

O DESEMPREGO e a falta de oportunidades para fazer negócios lucrativos são dois problemas que enfernizam a vida de grande parte das mulheres da cidade de Quelimane.

Aliado a isso, está a Covid-19, uma autêntica machadada para os pequenos negócios nos passeios e mercados que garantiam o sustento de muitas delas e suas famílias.

Por ocasião do 7 de Abril, Dia da Mulher Moçambicana, a nossa reportagem, em Quelimane, foi ao encontro de algumas delas para contar as suas experiências de vida e como têm enfrentado os vários desafios que a vida lhes coloca.

As nossas entrevistadas afirmam que é melhor ganhar a vida de forma honesta do que “vender” a dignidade e honra. Segundo elas, preferem suar a trabalhar e ganhar dinheiro honestamente e sustentarem os seus dependentes.

France Justino, 35 anos de idade e mãe de cinco filhos,

diz que a vida lhe é madrastra porque já experimentou todo o tipo de negócio honesto, mas o insucesso tem sido o denominador comum.

Para garantir o sustento dos seus filhos, começou por vender amendoim torrado. Com os recursos que conseguiu poupar ampliou os negócios e actualmente vende fruta, depois de ter sido vendedora de bolinhos, carvão vegetal, arroz e outros produtos.

France Justino disse em conversa com a nossa reportagem que não teve uma infância com muitas crianças da sua idade na altura. O seu pai abandonou a casa, deixando a mãe com cinco filhos e sobrinhos por cuidar. Logo aos 13 anos, compreendeu que tinha de fazer qualquer coisa para ajudar a mãe, que era doméstica, sem possibilidade de recursos à altura.

Actualmente, acorda muito cedo. Tem de apanhar chapa de Quelimane a Nicoadala, 40 quilómetros, para comprar fruta. “A vida é-me madrastra, está difícil, mas quero ganhá-la de for-

ma honesta e digna”, disse a nossa entrevistada, “para quem as políticas públicas sociais, quer do Governo quer municipais, são ainda insuficientes para aliviar o sofrimento de muitos cidadãos vulneráveis.

O outro testemunho que conseguimos é de Janete Pereira, 26 anos de idade e mãe de um filho. Ela é fazedora de perucas e dona da marca Janet Fashion Look. Afirma que em tempo de pandemia os clientes que tem recebido são poucos, por isso, ao invés de comemorar ou conviver com suas amigas, o dia foi reservado para trabalhar para incrementar a produção. “Abdiqueei de festejar, os tempos são difíceis e é preciso trabalhar para garantir o sustento”, disse a nossa entrevistada, para quem o seu negócio começou há três anos, inspirada na sua tia.

Uma peruca custa 500 meticais e o trabalho é feito em casa. Explicou que nos dias bons consegue fazer entre três e cinco perucas. “É muito trabalho, mas quero viver do meu suor”, disse.